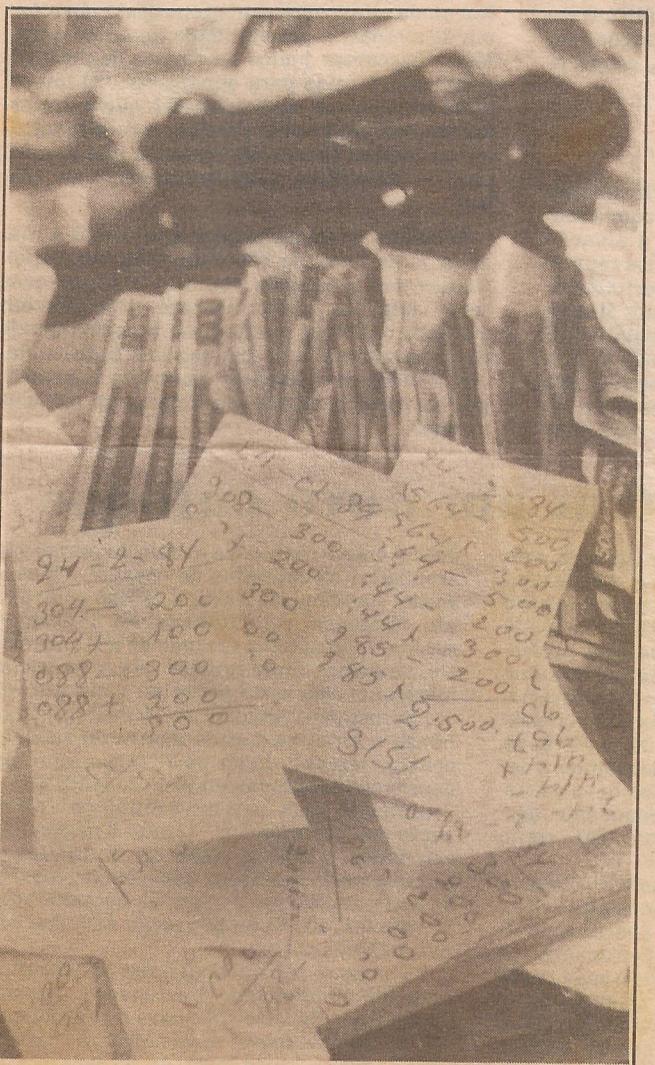


# Milhões de cruzeiros passam pelas mãos dos banqueiros



Jacão: não queremos eliminar o jogo, mas sim discipliná-lo



Jogo do bicho: 15 bancas "estouradas" em Porto Alegre no ano passado

Quantos banqueiros do jogo do bicho atuam em Porto Alegre e quanto de dinheiro circula durante a semana nas apostas clandestinas? Esta é uma pergunta difícil de ser respondida. Ningém se atreve a citar números, mas há quem faça cálculos hipotéticos, indicando a circulação de milhões de cruzeiros a cada aposta, já que o bicho é, sem dúvida, o mais popular em todo o País. Não há canto de vila, ou de maloca, onde não funcione uma banca de arrecadação de apostas, chegando em alguns casos, como no Rio de Janeiro, a haver verdadeiros feudos delimitados pelos banqueiros, onde um não pode invadir a área de outro sob pena de sofrer sérias represálias, quando não a morte.

Sem contribuir para os cofres públicos, enquanto hoje indústria, comércio e contribuintes em geral são sobreexigidos de impostos e taxas de contribuições, os banqueiros em poucos anos acumulam fortunas, pois não têm qualquer tipo de obrigação social e tudo que é arrecadado passa para suas contas particulares. O vereador Jaques Machado (PDS) acha injusta a posição de privilégio, ocupada pelos banqueiros, em relação aos demais segmentos econômicos da sociedade.

Jaques Machado vem liderando, da tribuna da Câmara de Vereadores, uma campanha em defesa da disciplinação do jogo do bicho, com o objetivo de conseguir uma contribuição dos banqueiros para obras sociais e comunitárias. "Não queremos eliminar o jogo, que é uma instituição nacional. Só não achamos justo que enquanto as indústrias, o comércio e a população em geral pagam impostos e taxas, os banqueiros não contribuem com nada do que ganham", argumenta o vereador governista.

Pelos cálculos do vereador Machado, presidente da Associação dos Amigos do 4º Distrito, a cada semana circulam milhões de cruzeiros, embolsados pelos banqueiros através dos arrecadadores, que fazem um verdadeiro "trabalho de formiga", recolhendo pequenas

quantias de cada apostador, o que possibilita que até mesmo uma simples lavadeira possa fazer seu jogo semanal.

munitárias, como a que ele dirige, uma parcela do que é arrecadado pelas bancas do bicho.

## Proposta Social

"Pelos meus cálculos, só em Porto Alegre devem existir cerca de 100 banqueiros e cada um deles chega a ter uma média de 100 arrecadadores trabalhando para ele", declara Jaques Machado, significando uma média de arrecadação, em cada jogo, de no mínimo Cr\$ 20 mil por banca. "Joga-se em todo o Estado e o Governo não tem condições de administrar isso", admite.

No seu entender, ainda, a crise provocou um aumento no número de apostas: "O pessoal fica angustiado pela falta de dinheiro e joga mais do que antes, tentando conseguir algum prêmio. Pode-se ver isso pelo Carnaval — quanto maior a crise, maior o lucro nas escolas de samba".

Governo Eulico  
Gaspar Dutra

A proibição dos chamados "jogos de azar" foi instituída no Brasil através da Lei Federal nº 9.215. No entanto, Jaques Machado lembra que o próprio Governo contrariou essa legislação no momento em que legalizou jogos como corridas de cavalo, loto, loterias, carnês das mais diversos origens, roleta, minisnooker, loteria esportiva. "Por que, então, o Governo não libera o jogo do bicho"? Essa, acrescenta, seria uma medida positiva e que viria beneficiar obras de assistência social e comunitária. Segundo sua opinião, até mesmo os banqueiros concordam com essa medida, pois sairiam da clandestinidade.

"Eles poderiam fazer contribuições de Cr\$ 1 milhão, por exemplo, para a Santa Casa, para o Hospital da Criança Santo Antônio, e, no outro dia, apareceria a foto deles no jornal e eles passariam a ser respeitados", sonha Machado, que pensa também na possibilidade de conseguir para as associações co-

feitas mediante cartões numerados fornecidos pelas associações comunitárias, que teriam, então, uma participação na arrecadação. dessa forma, Machado acredita que a Polícia poderia ser liberada da tarefa de fiscalizar as bancas. "Acho que policiais têm outras coisas para fazer do que fiscalizar esse jogo; têm os assaltos, os pivetes, o que é um trabalho realmente de sua competência".

Com a disciplinação do jogo, o vereador acredita inclusive que a função de arrecadar as apostas poderia se constituir num ótimo mercado de trabalho para deficientes físicos, já que não requer habilidade e formação educacional. Ele reivindica também a legalização dos cassinos, observando que a proibição desse tipo de jogo no Brasil acaba resultando na saída de grandes somas para países como o Uruguai, onde é liberado.

"Nós temos todas as condições de clima e de infra-estrutura necessários para atrair turistas por meio dos cassinos", garante Jaques Machado, acreditando que a abertura de cassinos ampliaria inclusive o mercado de trabalho para os artistas, que poderiam realizar espetáculos musicais, a exemplo do que ocorre nos grandes cassinos do exterior. "Quem gosta, vai jogar de qualquer maneira, seja proibido ou não", concluiu Jaques Machado, pois a ilegalidade dos jogos no Brasil se constitui "uma falsa proibição", uma vez que, na realidade, os jogos continuam a ser praticados fora da lei.

## para jogo do osso

quando ele alugou diversos salas de um edifício inacabado, onde funcionam apenas estabelecimentos comerciais, sem vizinhos que pudessem ser incomodados. Além do jogo, ali ele manteve uma mesa de mini-snooker e um time de futebol que são sustentação econômica à Sociedade Recreativa e Esportiva Santo Alfredo.

### "Gente de segunda classe"

Ao contrário das canchas tradicionais instaladas no chão batido, a da Sociedade Santo Alfredo tem o seu corredor — ao todo a cancha tem sete metros de comprimento, coberta por um carpete amarelo. Apenas nas pontas onde o jogo é lançado há uma camada de terra. "É terra de cupim para o osso ser jogado", explica Breno Alves da Rocha. Assim como foi preciso adaptar a cancha, também mudou o tipo de freqüentadores. Agora, ao invés de homens do campo, são trabalhadores urbanos, desempregados e aposentados que lotam a cancha da Sociedade Santo Alfredo.

"Este aqui não é um jogo de rico, é gente de segunda classe, é um jogo popular", confidencia Breno que, para garantir a segurança, mantém

no local um ex-inspetor de polícia aposentado e um ex-policial rodoviário. "Aqui é calmo, nunca houve problemas. Só entra sendo apresentado por outra pessoa e tem que ter a carteirinha para freqüentar a sociedade", explica.

Diarilmente, uma média de 50 a 60 homens, e esporadicamente uma ou outra mulher, jogam osso na Galeria 15 de Novembro. Nem mesmo Breno sabe explicar o motivo do interesse que sua iniciativa despertou nos meios de comunicação. "Aqui, já vieram todos os canais de televisão. Mas não tem nada de diferente, só porque funciona num edifício e tem carpete numa parte de cancha", observa ele. No entanto, ele lembra que a cancha da Sociedade Santo Alfredo não é a única existente na cidade e enumera no mínimo dez locais onde funcionam canchas semelhantes, apenas com uma diferença: "Tem algumas onde se joga, onde corre muito dinheiro. Aqui, os freqüentadores têm pouco dinheiro, por isso não podem apostar muito". Mas há casos de jogadores imprudentes que chegam até o último centavo. "Para esses, muitas vezes, tenho que pagar o ônibus, para voltarem para casa", revela Breno que fez uma última observação: "Se chega alcoolizado, não entra".



Tava ou jogo do osso: para "machos" gaúchos e também para mulheres desde tempos imemoriais